

# UMA VISÃO PRÁTICA DA ANÁLISE TEMÁTICA: EXEMPLOS NA INVESTIGAÇÃO EM MULTIMÉDIA EM EDUCAÇÃO

**Gabriela Reses e Inês Mendes**

gabrielareses@ua.pt e ines.mendes@ua.pt

## **Resumo:**

A escolha do método de análise de dados numa investigação deve ser feita em função da natureza do problema a estudar e dos pressupostos teóricos da pesquisa. A Análise Temática é um método amplamente utilizado para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões, isto é, temas, dentro de dados. O objetivo deste trabalho é apresentar a Análise Temática, focando na sua aplicação e recorrendo a exemplos de pesquisas em Multimédia em Educação. Para isso, inicialmente a Análise Temática é conceptualizada e são apresentadas algumas questões importantes a serem consideradas antes da sua realização. Em seguida, são descritas as seis fases do método, a partir da abordagem das investigadoras Virginia Braun e Victoria Clarke, indicando um possível caminho de como conduzir a análise na prática. Por fim, o processo é ilustrado através de exemplos do uso do método em investigações no contexto da Multimédia em Educação.

**Palavras-chave:** análise qualitativa; análise temática; multimédia em educação.

## 1. INTRODUÇÃO

A análise dos dados é uma fase fundamental no processo de investigação. Um método de análise qualitativo flexível e que pode ser utilizado a serviço de diferentes epistemologias e questões de pesquisa é a Análise Temática (Boyatzis, 1998; Braun & Clarke, 2006; Mills, Durepos, & Wiebe, 2010; Souza, 2019). Tal método é amplamente utilizado no meio académico, justamente por ser flexível, acessível e eficaz na manipulação de pequenos e grandes bancos de dados de investigações qualitativas (Souza, 2019). É, inclusive, considerado por alguns autores como o primeiro método qualitativo de análise que os pesquisadores iniciantes devem aprender, visto que promove o desenvolvimento de competências que serão úteis para a realização de diversas outras formas de análise qualitativa (Braun & Clarke, 2006; Maguire & Delahunt, 2017).

Desse modo, o presente trabalho tem como finalidade apresentar, de forma introdutória, a Análise Temática (AT), fornecendo os conceitos básicos para a sua aplicação e servindo como apoio a investigadores iniciantes que pretendam aplicar a AT aos seus dados de recolha.

Para isso, inicialmente, iremos conceptualizar AT do ponto de vista de diferentes autores e descrever o que é necessário compreender antes da sua realização. Em seguida, apresentaremos como conduzir a AT na prática, tendo em conta a abordagem proposta pelas pesquisadoras Virginia Braun e Victoria Clarke. Por fim, exemplificaremos o processo utilizando dois estudos desenvolvidos no contexto da Multimédia em Educação e apresentaremos algumas vantagens e limitações da utilização da AT.

## 2. CONCEPTUALIZANDO A ANÁLISE TEMÁTICA

Apesar da Análise Temática ser amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, não existe um acordo, dentro da comunidade académica, sobre o que é e como realizá-la (Braun & Clarke, 2006; Mills et al., 2010; Souza, 2019).

Boyatzis (1998) e Mills et al. (2010) compreendem a Análise Temática não como um método em si, mas como uma ferramenta de análise a ser utilizado em diferentes métodos e em investigações de diferentes campos de conhecimento. Boyatzis (1998) coloca ainda que a AT é um meio de ver, encontrar relações, analisar e quantificar dados qualitativos.

Já outros autores consideram que a Análise Temática é o processo de identificação de padrões ou temas nos dados qualitativos e compartilham a leitura de que a utilização da Análise Temática é um desafio para pesquisadores iniciantes e até mesmo experientes (Maguire & Delahunt, 2017; Souza, 2019).

Assim, podemos ver a AT como um método pouco demarcado ou reconhecido. Neste sentido, muitas vezes não é explicitamente reivindicado como método de análise, quando, na realidade, muita análise é essencialmente temática, sendo frequentemente reivindicada como Análise de Discurso, Análise de Conteúdo ou não sendo identificada como qualquer método em particular (Braun & Clarke, 2006, p.3).

A ausência de um documento que demarcasse e descrevesse adequadamente teoria, aplicação e avaliação da Análise Temática, fez com que as investigadoras Braun e Clarke (2006) publicassem o artigo “Using thematic analysis in psychology”. Neste artigo, as autoras não apenas definem e defendem que a AT deve ser considerada como um método em si, como apresentam um conjunto de procedimentos a serem seguidos para a realização de uma Análise Temática metodologicamente sólida. Tal publicação possui uma importante relevância no meio académico e é amplamente utilizada como referência em diferentes pesquisas qualitativas das ciências sociais<sup>1</sup> (Maguire & Delahunt, 2017).

Assim, Braun e Clarke (2006) definem a Análise Temática como um método qualitativo adotado para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões, isto é, temas, dentro de dados. Desse modo, este método sistematiza e descreve de forma detalhada um conjunto de dados para além de permitir ao pesquisador interpretar diferentes aspetos do tema de pesquisa.

Por compreendermos método como um “conjunto de procedimentos que servem de instrumentos para alcançar os fins da investigação” (Bisquerra, 1989, como citado em Coutinho, 2015, p. 24), corroboramos com a compreensão de que a Análise Temática é um método qualitativo de análise “essencialmente independente da teoria e da epistemologia, podendo ser aplicado numa variedade de abordagens teóricas e epistemológicas” (Braun & Clarke, 2006, p.78). As autoras ao apresentarem uma concepção teórica e um conjunto de procedimentos, vocabulários e orientações claras e concisas sobre a Análise Temática, passam a demarcá-la como método.

Firmado esse posicionamento, passamos para uma segunda questão fundamental para avançar na conceptualização da AT: O que é um tema? Souza (2019) explica que um tema “capta algo relevante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa. Ademais, o tema representa certo nível de significado padronizado identificado no banco de dados” (p.54). Maguire e Delahunt (2017) também partem dessa compreensão, inicialmente mencionada nos estudos de Braun e Clarke (2006), ao considerarem que um tema é um padrão que capta algo significativo sobre os dados e/ou questão de pesquisa.

---

<sup>1</sup> A base de dados Scopus, em 26/04/2020, indicou que tal artigo havia sido citado por quase 32 mil publicações.

Já Vaismoradi, Jones, Turunen e Snelgrove (2016) indicam que um tema é utilizado como atributo, descritor, elemento e conceito. É entendido ainda como um assunto implícito que organiza um grupo de ideias repetidas e permite aos investigadores responderem à questão do estudo. Este contém códigos que têm um ponto de referência comum e tem um elevado grau de generalização que unifica as ideias relativas ao tema de investigação.

O processo de determinação de temas será abordado no próximo tópico deste documento, no entanto é importante colocar que a AT possui como forte característica a flexibilidade. Braun e Clarke (2006) explicam que não há um método certo ou errado para determinar um tema ou sua prevalência. Desse modo, parte da flexibilidade da AT está na autonomia do pesquisador em determinar temas de diferentes formas, desde que consistente na forma como o faz.

A flexibilidade mencionada anteriormente também está associada ao fato de que a AT não é limitada por uma teoria. Isso faz com que os pesquisadores não necessitem aderir aos compromissos teóricos implícitos nas mesmas, se não desejarem desenvolver uma análise totalmente estruturada a partir de uma teoria específica, como ocorre com a Teoria Fundamentada em Dados e a Análise do Discurso Temática, por exemplo (Braun & Clarke, 2006). Tal característica pode oferecer uma forma mais acessível de método de análise, em especial para os pesquisadores iniciantes (Maguire & Delahunt, 2017; Souza, 2019).

Ainda por não estar associada a um quadro teórico preexistente, ela pode ser adotada em diferentes enquadramentos teóricos. Braun e Clarke (2006) explicam que a AT pode ser um método essencialista, realista, construtivista, contextualista, isto é, ele pode assumir diferentes posições teóricas. As autoras reforçam, porém, a importância dessa posição teórica ser transparente dentro da análise, já que os diferentes quadros teóricos carregam “uma série de pressupostos sobre a natureza dos dados e o que eles representam em termos de ‘mundo’, ‘realidade’ e assim por diante” (p.8).

Nesse sentido, a AT pode apresentar uma abordagem indutiva ou dedutiva. A abordagem indutiva é baseada nos dados, ou seja, os temas identificados estão diretamente associados aos próprios dados. Logo, ela não parte de uma grade pronta de categorias ou temas para desenvolver a análise dos dados. Já na abordagem dedutiva, também conhecida por teórica, a análise parte de um conjunto de categorias ou temas predeterminados. Neste caso, a AT é orientada pelo interesse teórico do investigador, sendo necessário um maior engajamento prévio com a literatura que fundamenta o estudo (Braun & Clarke, 2006; Souza, 2019). Mills et al. (2010) apontam a abordagem indutiva como a mais frequentemente utilizada.

Clarke (2017), numa palestra proferida na *University of the West of England*, destacou que existem mais de 30 abordagens de Análise Temática

em termos de procedimento e metodologia, considerando a Análise Temática um “guarda-chuva que cobre diferentes AT”. Além de discutir sobre as abordagens dedutiva e teórica, a pesquisadora sistematizou a AT em três grupos - *Coding Reliability*, *Codebook* e *Reflexive* - descritos na Tabela 1.

**Tabela 1.** Abordagens de Análise Temática.

Abordagem	Descrição
<b>Coding Reliability (small q)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso de dados qualitativos, dentro de uma lógica quantitativa;</li> <li>- Realização de testes de confiabilidade, com diferentes pesquisadores atuando de forma independente, tendo como base uma grade pronta de códigos;</li> <li>- Analistas não conhecem o banco de dados previamente;</li> <li>- Maior confiança dos pesquisadores qualitativos dentre as tipologias.</li> </ul>
<b>Codebook (mista)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundamentação predominantemente qualitativa;</li> <li>- Parte de um guia de códigos, anteriormente preparado e temas prontos;</li> <li>- Temas iniciais podem ser alterados ao longo da análise.</li> </ul>
<b>Reflexive (big Q)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Codificação fluída e flexível;</li> <li>- Busca uma maior imersão e maior engajamento com os dados;</li> <li>- Abordagem mais frequentemente adotada por pesquisadores das ciências sociais, com uma agenda na justiça social.</li> </ul>

Souza (2019) explica que tal classificação também está associada aos conceitos “small q qualitative research” ou “Big Q Qualitative Research”. Na primeira situação, a investigação usa técnicas de base qualitativa, porém partindo de uma base positivista. Já na segunda situação, tanto o pressuposto filosófico, quanto técnico apresentam uma base qualitativa. Desse modo, a AT de tipo “Coding Reliability é small q, a AT Reflexive é Big Q e a de tipo Codebook é de tendência para Big Q, mas com traços da small q – ou seja, uma abordagem mista” (Souza, 2019, p.53).

Desse modo, definir o tipo de abordagem e de AT a ser utilizada é uma importante decisão a ser tomada antes de iniciar a análise, já que implica, primeiramente, numa filiação paradigmática e, posteriormente, em decisões procedimentais, como, por exemplo, a necessidade ou não de dominar previamente a literatura, contactar ou não analistas colaboradores, dentre outros encaminhamentos.

Diante da conceptualização apresentada cabe destacar que a AT possui características similares a diferentes procedimentos adotados de análise qualitativa como a busca por padrões, a flexibilidade, a homogeneidade interna e a heterogeneidade externa entre as categorias ou temas (Souza, 2019).

Seguidamente, iremos apresentar a abordagem do tipo *Reflexive* que Virginia Braun e Victoria Clarke fazem da AT, em termos da sua aplicação. A escolha destas autoras prende-se ao facto de elas apresentarem, como mencionado, forte influência na comunidade académica e serem as primeiras pesquisadoras a buscarem demarcar o método.

### **3. A ANÁLISE TEMÁTICA NA PRÁTICA, SEGUNDO BRAUN E CLARKE**

O presente tópico tem por objetivo apresentar os procedimentos práticos necessários para aplicar a Análise Temática a um conjunto de dados, conforme proposto por Braun e Clarke (2006).

#### **3.1. Preparação para a Análise Temática**

Segundo Braun e Clarke (2006), a AT pressupõe uma série de escolhas que precisam ser discutidas antes de se iniciar a análise ou até mesmo durante a recolha de dados. São elas:

*O que é considerado um tema?*

Um tema deduz algo relevante sobre os dados em relação à questão de investigação e representa algum nível de resposta padrão ou significado. No entanto, uma ocorrência maior não significa obrigatoriamente que o tema seja mais importante. É o investigador quem determina o que é um tema, por isso é importante manter alguma flexibilidade e ser consistente na forma como se faz isso dentro de qualquer análise particular.

*Uma descrição rica do conjunto de dados, ou um relato detalhado de um aspeto particular?*

É necessário determinar o tipo de análise que se quer fazer. Por um lado, pode optar-se por fornecer uma descrição temática abrangente de todos os dados e, neste caso, os temas identificados precisariam de ser um reflexo preciso do conteúdo de todo o conjunto de dados, perdendo-se alguma profundidade e complexidade. Por outro lado, pode enveredar-se por um tipo de análise que forneça uma descrição mais detalhada e diferenciada de um tema específico, ou grupo de temas, dentro dos dados. Este tema pode estar relacionado com uma área de interesse específica dentro dos dados.

*Análise Temática Indutiva ou Teórica/Dedutiva?*

Como já referido anteriormente, uma abordagem Indutiva sugere que os temas identificados estão muito ligados aos próprios dados. Consiste num

processo de codificação dos dados, sem se tentar encaixar num quadro já existente, ou preconceitos analíticos do investigador. Neste sentido, esta forma de análise temática é orientada pelos dados. Já uma análise temática Dedutiva/Teórica tenderá a ser dirigida pelo interesse teórico do investigador na área. Esta forma de análise temática tende a fornecer menos uma descrição rica dos dados em geral e mais uma análise detalhada de alguns aspetos dos dados.

#### *Temas semânticos ou latentes?*

Tendo em conta uma abordagem semântica, os temas são identificados dentro dos significados explícitos ou superficiais dos dados e o analista não procura além do que o participante tenha dito ou escrito. Pelo contrário, uma abordagem latente vai além do conteúdo semântico dos dados e inicia a identificação de ideias, suposições e conceitos subjacentes que são teorizados como formatação ou informação do conteúdo semântico dos dados.

#### *Epistemologia essencialista/realista ou análise temática construcionista?*

A epistemologia da pesquisa indica o que se pode dizer sobre os dados e informa como se teoriza o significado. Numa abordagem essencialista/realista, podem teorizar-se motivações, experiências e significados de uma forma simples e direta. Por outro lado, pela perspetiva construcionista, significado e experiência não são inerentes aos indivíduos, mas sim socialmente produzidos e reproduzidos. Torna-se assim evidente a importância de o investigador se posicionar epistemologicamente segundo uma destas abordagens antes de se iniciar uma AT, já que o foco da análise e o resultado serão diferentes para cada posicionamento.

Em síntese, a AT envolve a procura através de um conjunto de dados para encontrar padrões. A forma e os produtos obtidos podem variar e, nesse sentido, é importante que as questões anteriormente referidas sejam consideradas, antes e durante a análise.

### **3.2. Fases da Análise Temática**

Algumas das fases da AT são idênticas às etapas de outras análises qualitativas. Este método tem início quando o investigador procura nos dados padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa. Isto pode inclusivamente ocorrer durante a recolha de dados, na condução

da uma entrevista ou de um *focus group*. Segundo Braun e Clarke (2006), durante a leitura dos dados devem ser realizadas anotações constantes de ideias, rascunhos ou esquemas, sendo uma análise que envolve um constante movimento para a frente e para trás pelo conjunto de dados.

Seguidamente, descreve-se o método das seis fases apresentado por Braun e Clarke (2006), tendo em consideração o que é necessário para cumprir cada etapa (Souza, 2019).

**Fase 1. Familiarização com os dados:** É comum a todos os tipos de análise qualitativa - o investigador deve familiarizar-se com os seus dados. Deve ainda ler e reler os dados e anotar quaisquer observações analíticas iniciais. Essas anotações poderão ser retomadas mais adiante em fases seguintes da análise. Quando o investigador se sentir familiarizado com os dados e apresentar uma lista de ideias do que sugerem os dados, pode passar à fase seguinte.

**Fase 2. Criação de códigos iniciais:** É também um elemento transversal a muitas abordagens da análise qualitativa. Pressupõe a criação de rótulos rigorosos para características importantes dos dados. O processo de codificação não é simplesmente um método de redução de dados, é também um processo analítico, para que os códigos captem tanto uma leitura semântica como conceptual dos dados. O investigador codifica cada item<sup>2</sup> de dados e termina esta fase com a recolha de todos os seus códigos e extratos<sup>3</sup> de dados relevantes. Os dados codificados diferem das unidades de análise (temas), as quais são normalmente mais abrangentes. A codificação pode ser feita manualmente ou através de um programa de computador. Na codificação manual, pode-se codificar os dados com anotações nos textos sob análise, usando-se canetas coloridas para indicar padrões em potencial, ou mesmo *post-it* coloridos para identificar segmentos de dados. Se for utilizado um software, a codificação ocorre através da rotulação e nomeação de pedaços de texto dentro de cada item. A Fase 2 termina quando os dados foram todos codificados e cuidadosamente combinados.

**Fase 3. Procura de temas:** Um tema é um padrão coerente e significativo nos dados, relevante para a questão de investigação. Procurar por temas é um pouco como codificar os seus códigos para identificar semelhanças nos dados. O investigador analisa os códigos e considera de que modo diferentes códigos se podem combinar para formar um tema abrangente. Pode ser útil nesta fase usar representações visuais para auxiliar a atribuição dos

---

<sup>2</sup> Segundo Braun e Clarke (2006), item é cada parte individual dos dados recolhidos que juntos formam um *corpus* de dados (todos os dados coletados) ou conjunto de dados (todos os dados do corpus que estão sendo utilizados em uma análise).

<sup>3</sup> Extrato é um pedaço individual codificado de dados, que tenha sido identificado e extraído a partir de um item (Braun & Clarke, 2006).



diferentes códigos aos temas. Podem-se usar tabelas, mapas conceituais ou escrever o nome de cada código, experimentando organizá-los em grupos temáticos. Alguns códigos iniciais podem formar temas principais, ao passo que outros podem formar subtemas e outros podem até mesmo ser descartados. O investigador termina esta fase com a compilação de todos os dados codificados relevantes para cada tema, obtendo-se um conjunto de candidatos a temas, os quais serão refinados na Fase 4.

**Fase 4. *Revisão dos temas:*** Envolve a verificação de que os temas “funcionam” em relação tanto aos extratos codificados como ao conjunto completo de dados. O investigador deve refletir se os temas contam uma história convincente sobre os dados e começar a definir a natureza de cada tema individual, bem como a relação entre eles. Pode ser necessário agrupar ou dividir temas, ou ainda eliminar completamente os temas candidatos e recomeçar o processo de desenvolvimento do tema. Os temas aperfeiçoados devem representar os dados e possuir relação entre si, sendo que, para passar à fase seguinte, o investigador deve sentir satisfação com o alcançado.

**Fase 5. *Definição e nomeação dos temas:*** Requer que o investigador realize e escreva uma análise detalhada de cada tema, devendo identificar-se se algum tema contém, de fato, subtema(s). O investigador deve perguntar “que história é que este tema conta?” e “como é que este tema se enquadra na história geral sobre os dados?”, identificando a “essência” de cada tema e construindo um nome conciso, pontiagudo e informativo para cada tema, dando ao leitor uma ideia imediata do que está a ser tratado. A Fase 5 termina com um conjunto pronto de temas plenamente trabalhados.

**Fase 6. *Elaboração do relatório:*** A escrita é um elemento integrante do processo analítico na AT (e na maioria das investigações qualitativas). Envolve construir a narrativa analítica e extratos significativos de dados para contar ao leitor uma história coerente e persuasiva sobre os dados e contextualizá-los em relação à literatura existente. O relatório deve fornecer evidência suficiente dos temas nos dados, ou seja, extratos de dados suficientes para demonstrar a prevalência do tema. Envolve, ainda, construir um argumento na relação com a questão de investigação. É assim importante considerar como a análise se encaixa na história maior que se pretende contar sobre os dados, na relação com a(s) pergunta(s) de pesquisa, assegurando que não há sobreposição de temas. Nesse sentido, é necessário considerar os temas separadamente e cada tema na relação com os restantes.

Existe uma certa polémica em torno da noção de que “os temas emergem” dos dados. Braun e Clarke (2006) são críticas em relação a esta linguagem pois ela aponta os temas como entidades que existem totalmente formadas nos dados, sendo o investigador apenas um observador passivo

dos temas “emergentes” dos dados. Em vez disso, argumentam que o investigador desempenha um papel ativo na formulação dos temas. Nesse sentido, os temas são construídos, criados, gerados, em vez de serem simplesmente emergentes. Efetivamente, o investigador qualitativo é frequentemente descrito como um dos instrumentos da investigação, uma vez que a sua capacidade de compreender, descrever e interpretar experiências e percepções é fundamental para descobrir o significado em circunstâncias e contextos específicos (Braun & Clarke, 2006).

Por fim, importa referir que Braun e Clarke (2006) apresentam ainda uma lista de verificação concisa, com 15 critérios, que devem ser verificados para determinar se foi gerada uma boa análise temática. Seguidamente, são referidas algumas das potencialidades e limitações que a realização de uma AT pode envolver, tendo em conta todos os procedimentos anteriormente apresentados.

#### **4. POTENCIALIDADES E LIMITES DA ANÁLISE TEMÁTICA**

É possível evidenciar várias vantagens na utilização da Análise Temática, a partir da abordagem de Braun e Clarke (2006). Uma delas é a flexibilidade, que é transversal a todas as etapas da análise. Outra vantagem é o facto de se tratar de um método fácil e rápido de aprender e executar, devido à sua descrição e estrutura em seis passos, favorecendo a compreensão e visualização da codificação dos dados. Neste sentido, este método é acessível a investigadores com pouca experiência em análise qualitativa, sendo os resultados também normalmente acessíveis ao entendimento do público em geral. Torna-se um método útil para trabalhar dentro de paradigmas de pesquisa participativa, com os participantes como colaboradores. É por si só uma análise benéfica para sintetizar aspetos-chave de uma grande quantidade de dados, bem como oferecer uma descrição densa do banco de dados analisado. A AT pode ainda gerar muitas perspetivas não antecipadas pelo investigador, o que só contribui para uma análise mais produtiva.

No entanto a AT também apresenta algumas limitações. Muitas delas relacionam-se com análises mal orientadas. Além disso, a flexibilidade do método significa que a variedade de argumentos que podem ser ditos sobre os dados é ampla. Enquanto isso é uma vantagem, também pode se tornar uma desvantagem. A AT não permite generalizações, apenas permite a criação de teorias fundamentadas, caso essa seja uma meta do pesquisador. Por fim, a AT não possibilita a quantificação dos dados (quantas pessoas referiram determinado tema, ou quantas referências estão contidas num tema), mas colabora para estudos quantitativos com material rico (Souza, 2019).

## 5. EXEMPLOS DE UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE TEMÁTICA EM MULTIMÉDIA EM EDUCAÇÃO

No artigo “Teaching thematic analysis”, Braun e Clarke (2013) apresentam possíveis estratégias para um ensino mais eficaz da AT no ensino superior. Entre outras situações, sugerem a exploração de exemplos de estudos já publicados de Análise Temática. É tendo em conta esta estratégia, e também com o propósito de explorar como a Análise Temática pode ser aplicada na investigação em Multimédia em Educação, que seguidamente se apresentam dois estudos que utilizam a AT como método de análise.

O primeiro estudo, ““Go Kahoot!” Enriching Classroom Engagement, Motivation and Learning Experience with Games”, examinou, através da realização de entrevistas semiestruturadas, a eficácia do *Kahoot!* no envolvimento dos alunos durante as aulas, bem como as opiniões dos alunos sobre a influência deste na dinâmica da sala de aula, na motivação e no processo de aprendizagem (Licorish, George, Owen, & Daniel, 2017).

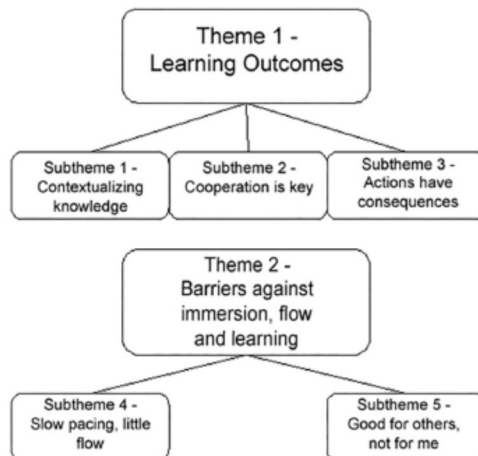
Tratou-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, que seguiu uma abordagem indutiva para testar se os dados apresentavam temas claros relacionados com os objetivos definidos. O método e procedimento de análise deste estudo seguiram as fases anteriormente descritas da AT propostas por Braun e Clarke (2006). Assim, este envolveu uma codificação aberta em que as entrevistas foram lidas e relidas para familiarização e os códigos iniciais foram identificados com base numa semântica explícita e superficial dos dados. Através da codificação axial, os códigos foram recombinaados e formadas ligações entre ideias, para seguidamente serem encontrados códigos específicos em temas mais amplos. Por fim, os temas resultantes foram aperfeiçoados e organizados e foi desenvolvida uma “história” para acompanhar cada tema.

Os resultados da análise revelaram quatro grandes temas relacionados com a experiência dos alunos no uso do *Kahoot!* na sala de aula: (1) atenção e foco, (2) interação e envolvimento, (3) aprendizagem e retenção de conhecimento, e (4) diversão e satisfação. O primeiro tema “atenção e foco” foi formulado tendo em conta que a maioria dos alunos sugeriram que interagir com o *Kahoot!* prendeu a sua atenção, além de lhes ter permitido fazer uma pausa, fornecendo um ponto de diferença. No segundo tema “interação e envolvimento”, os pontos-chave que emergiram dos dados foram a importância das discussões, da competição e do anonimato. Já no terceiro tema “aprendizagem e retenção de conhecimento”, os principais benefícios que os participantes discutiram foram como o *Kahoot!* os ajudou nas revisões, gerou discussão e os ajudou a reter o conhecimento. Por fim, o tema “diversão e satisfação” sugeriu que os elementos de satisfação e diversão estão subjacentes aos aspetos positivos dos três temas anteriormente referidos.

Assim, através deste método de análise de dados, foi possível a identificação destes quatro temas que levaram às conclusões gerais do estudo, revelando que a implementação do *Kahoot!* enriquece a qualidade da aprendizagem dos alunos, a dinâmica da sala de aula, o envolvimento, a motivação e melhora a aprendizagem.

Já o estudo “Gaming Green: The Educational Potential of Eco – A Digital Simulated Ecosystem”, desenvolvido por Fjællingsdal e Klöckner (2019), examinou o potencial educativo do game “ECO”, um ecossistema digital simulado. A investigação buscou revelar como o game ECO pode promover a consciência ambiental em torno dos ecossistemas circundantes. Para isso, os investigadores recrutaram estudantes do ensino secundário e superior da Noruega para testarem o jogo, num período de um mês, e participarem de uma entrevista individual após o período de teste.

Uma vez transcritas as entrevistas gravadas, o investigador principal realizou uma análise temática baseada nas seis etapas de Braun e Clarke (2006). Na fase de familiarização dos dados, o pesquisador familiarizou-se com os conjuntos de dados existentes. Em seguida, respostas dos inquiridos contendo informações vitais ao projeto de investigação foram extraídas e destacadas, utilizando ferramentas apropriadas no Adobe Reader e listadas como códigos para categorização temática posterior. Respostas recorrentes, que significaram acordo ou oposição entre os inquiridos em torno dos principais tópicos da entrevista, foram então categorizadas em documento, servindo como categorias temáticas iniciais. Estas foram então sujeitas a uma revisão que estabeleceu um mapa temático das categorias temáticas finais, apresentado na Figura 1.



**Figura 1.** Mapa temático final (Fjællingsdal & Klöckner, 2019, p.7)

Numa posterior discussão sobre os temas e subtemas identificados, os investigadores concluíram que o jogo não gerou novos conhecimentos aos inquiridos, mas possibilitou o reforço de conceitos e o aumento do seu nível de pensamento sistémico. Os investigadores consideram que a Noruega é um país com alta consciência ambiental, logo talvez o jogo possa contribuir para construção de novos saberes em países com outras realidades ou então seja mais adequado para jogadores mais jovens. A mecânica do jogo também possibilitou a compreensão de que as questões ambientais precisam ser resolvidas dentro de uma perspetiva mais colaborativa e interdisciplinar e menos individual. Além disso, a resposta visual de como as ações do jogador impactam no ecossistema digital foi bem avaliado para promoção da consciência ambiental. Porém, a análise revelou ainda que o jogo continha elementos que geraram um impacto negativo no grau de imersão dos jogadores, no fluxo e nos resultados de aprendizagem.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve como objetivo apresentar, de forma introdutória, uma abordagem flexível de análise qualitativa - a Análise Temática.

Após conceptualizar a AT e consultar diversas investigações que utilizaram este tipo de análise de dados, foi possível verificar que este método faz muitas vezes parte de metodologias de análise qualitativas, sem necessariamente ser demarcada como uma AT. Assim como Braun e Clarke (2006), compreendemos que isso pode ser um aspeto limitante da pesquisa, já que conhecer o processo metodológico é fundamental, tanto para dar continuidade a futuros estudos, quanto para a credibilidade da investigação. Para além disso, não existe uma regra no que se refere aos procedimentos práticos a adotar na AT. Neste sentido, verificou-se que as seis fases de análise sugeridas por Braun e Clarke (2006) são frequentemente seguidas dentro dos procedimentos metodológicos das investigações, no entanto vários estudos realizaram adaptações a este método, ajustando as fases do processo ou revisitando fases anteriores. Acreditamos que isso pode estar associado ao carácter flexível que o método apresenta e também ao fato de não ser um processo linear, sendo esta uma característica transversal a diferentes tipos de análises qualitativas. Porém, estamos de acordo com Lester, Cho e Lochmiller (2020) que consideraram ser bastante relevante estruturar e apresentar o processo de análise em fases, gerando uma maior transparência do percurso analítico, tanto para o pesquisador qualitativo, quanto para o leitor do estudo.

Considera-se ainda que a AT é também um método de análise que se pode ter em conta na investigação em Multimédia em Educação, uma vez

que, nos exemplos apresentados, o método permitiu a análise da efetividade e limitações de diferentes recursos tecnológicos para a aprendizagem. Cabe lembrar que a flexibilidade do método permite também que ele seja utilizado em questões de outra natureza da área. Reforçamos, no entanto, a indicação de Braun e Clarke (2006) de que a escolha do método de análise deve ser orientada tanto pela questão de pesquisa quanto por seus pressupostos teóricos mais amplos. Desse modo, cabe ao investigador verificar se a AT é o método mais adequado para atender às suas questões de investigação.

Não foi objeto de estudo deste trabalho, no entanto existem diversos softwares que apoiam a AT, ou a análise qualitativa de dados em geral. Uma vez que a AT se baseia numa quantidade substancial de dados textuais, encontram-se disponíveis diversos programas para facilitar a organização (por exemplo ATLAS.ti, MAXQDA, NVivo, Quirkos, WebQDA, entre outros). Estes nomeiam-se genericamente como *Computer-Assisted Qualitative Data Analysis* (CAQDAS), fornecendo apoio tecnológico à investigação qualitativa que racionaliza o processo de análise de dados e permite uma análise mais complexa e profunda. Segundo Castleberry e Nolen (2018), estas ferramentas de *software* ajudam o investigador a organizar grandes quantidades de dados e a procurar padrões e ligações entre códigos. No entanto, os CAQDAS não podem analisar os dados de forma autónoma, já que é o investigador quem possui o poder de decisão na análise e não um programa de *software*.

## REFERÊNCIAS

- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Boyatzis, R. E. (1998). Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=\\_rfCIWRhIKAC&pg=PP1&hl=pt-PT&pg=PR8#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=_rfCIWRhIKAC&pg=PP1&hl=pt-PT&pg=PR8#v=onepage&q&f=false)
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. Retrieved from <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Castleberry, A., & Nolen, A. (2018). Thematic analysis of qualitative research data: Is it as easy as it sounds? *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*, 10(6), 807–815. <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2018.03.019>
- Clarke, V., & Braun, V. (2013). Teaching thematic analysis: Overcoming challenges and developing strategies for effective learning. *Psychologist*, 26(2), 120-123
- Clarke, V. (2017, December 09). *Thematic analysis: What is it, when is it useful, & what does “best practice” look like?* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=4voVhTiVdc&t=991s>

- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas - Teoria e Prática* (2ª edição). Edições Almedina.
- Fjællingsdal, K. S., & Klöckner, C. A. (2019). *Gaming Green: The Educational Potential of Eco – A Digital Simulated Ecosystem*. 10(December), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02846>
- Lester, J. N., Cho, Y., & Lochmiller, C. R. (2020). Learning to Do Qualitative Data Analysis: A Starting Point. *Human Resource Development Review*, 19, 94–106. <https://doi.org/10.1177/1534484320903890>
- Licorish, S. A., George, J. L., Owen, H. E., & Daniel, B. (2017). “Go kahoot!” Enriching classroom engagement, motivation and learning experience with games. Proceedings of the 25th International Conference on Computers in Education, ICCE 2017 - Main Conference Proceedings, (December), 755–764. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/322150947>
- Maguire, M., & Delahunt, B. (2017). Doing a thematic analysis: A practical, step-by-step guide for learning and teaching scholars. *AISHE-J - The All Ireland Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, 9(3), 1-14. <http://ojs.aishe.org/index.php/aishe-j/article/view/335>
- Mills, A., Durepos, G., & Wiebe, E. (2010). *Encyclopedia of Case Study Research*. Sage Publications, Inc.. <https://doi.org/10.4135/9781412957397>
- Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arq. Bras. Psicol. (Rio J. 2003)*, 71(2), 51–67
- Vaismoradi, M., Jones, J., Turunen, H., & Snelgrove, S. (2016). Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. *Journal of Nursing Education and Practice*, 6(5), 100-110. <https://doi.org/10.5430/jnep.v6n5p100>